

Natal uma festa Solar

A festa do Natal que hoje em dia se comemora praticamente em todo o mundo, é uma celebração que nos remete para as festividades pagãs, tal como as Saturnálias (Roma), ou a Noite das Mães (Celtas), ou Yulltide (Europa central e norte), entre outras. É na sua origem uma comemoração do “Sol Invictos” - período que marca o fim e um novo princípio - do ciclo anual do astro rei, que traz à humanidade o tão desejado calor, e a luz, para afastar a escuridão e o frio da estação.

Período do ano em que a vida se encontra em suspenso, assim como a generosidade da Terra, lembrando a todo o ser humano de como é importante a unidade e a solidariedade entre todos, de forma a ultrapassar as adversidades e os perigos trazidos pelas intempéries e o negrume do Inverno. Estas festividades tinham como função o de favorecer, de forma propiciatória, o “renascimento” e a “ressurreição” do Sol, e com ele a continuidade da Vida na Terra, assim como a das comunidades. Num período de tempo, marcado pela escuridão gelada da morte, e a neve branca que cai sobre a terra e a envolve com seu manto.

Todos tinham a percepção de que só com a solidariedade, e a partilha de bens comuns aquando das reuniões comunitárias e familiares, lhes permitiria ultrapassar os tempos difíceis da invernia que se instalava, e que todos ansiavam por superar, embora sem certezas de, ou quando, o Astro Rei, o “Filho da Promessa”, o “Portador da Luz e da Esperança” renasceria, trazendo dias novos, e vencendo as forças da escuridão e da morte, personificadas pelo Inverno. Assim neste período em que as forças semeadoras da morte e do caos se apoderam da terra, gerava-se um sentimento de incerteza, que só seria afastado com o Renascimento do Sol Invictos, acontecimento este, representado em alguns locais, como uma luta simbólica do Sol (Luz), contra os poderes do Inverno (Trevas), produzindo assim a esperança numa nova Primavera e com esta, a renovação da Vida, no Eterno Ciclo do Renascimento, sempre diferente, mas igual a si mesmo.

A Solidariedade e a Esperança, simbolizadas pelo atual natal cristão, como éticas de vida, são uma herança deixada pelos nossos ancestrais politeístas, como resposta aos tempos “invernosos” da Vida, é a mensagem e o espírito vivenciado entre todos os pagãos, na Noite das Mães.

O cristianismo somente colou novos nomes e roupagens, com o propósito de se apossar deste simbolismo das antigas praticas e epifanias (1), ligadas ao culto solar, e cujo espírito se encontrava muito arraigado na alma das gentes, e as quais, criavam muitas resistências à nova fé emergente, que impunha o seu Deus como o “único”, assim como a sua verdade e práticas. Estas um tanto estranhas aos povos da Europa. Foram precisos séculos, e até perseguições durante outros tantos séculos, para que as festas solsticiais se revestissem com roupagem judaico-cristã, transformando assim a celebração pagã, por conveniência, numa festa cristã.

O processo de colagem da figura de Cristo, ao Sol, teve início com os conselhos promovidos para fixar uma data para o nascimento de Cristo, cuja data real é-nos desconhecida, apesar de muitos estudiosos, hoje em dia, a colocarem em redor do mês de Março.

Surgiram então, duas datas eleitas, ambas muito importantes no antigo mundo politeísta; a de 6 de Janeiro, defendida pelas igrejas orientais, e a outra, a 25 de Dezembro, preferida pela igreja ocidental. A escolha entre estas duas datas não foi pacífica, contribuindo assim para agravar as cisões que se multiplicavam no mundo cristão, na altura.

A data de 6 de Janeiro (2) tinha como referencia, as grandes e populares Celebrações de **Culto A Dionísio**. A epifania de Dionísio teria tido lugar na ilha de Andros.

E igualmente no dia 6 de Janeiro, a **Deusa Ísis** dava à luz, Harocrato - o Sol renascente.

E importantes cerimónias tinham lugar em Alexandria, **Koreion**, onde se comemorava o nascimento por uma virgem, do seu filho Aeon. Gritava-se então: - A virgem deu à luz, agora vai crescer a Luz “...

Devido ao simbolismo e poder destas festividades antigas, as Comunidades cristãs no Egipto e no Oriente, assim como a igreja da Síria, pronunciaram-se pelo 6 de Janeiro para a data do nascimento de Cristo.

A data de 25 Dezembro: coincidindo com a implantação em massa do cristianismo na Europa, foi a data escolhida para o nascimento de Cristo. Na escolha desta data, a referência não são os cultos de Horus e Dionísio, que são visados, como alvos a abater, mas sim as antigas tradições europeias do **Solstício de Inverno**, bem como outras festividades, tais como as Saturnais romanas, ou o culto de Mitra.

Em Roma, **as Saturnais** (Saturnalia) eram celebradas a 17 de Dezembro, mas duravam cerca de uma semana e acabavam portanto nas vésperas do dia 25 de Dezembro. E no dia 25 de Dezembro, em Roma, os adoradores de **Mitra** celebravam o seu Renascimento, e cuja história de nascimento, é muito idêntica com a de Cristo, e as igrejas, muitos similares na sua estruturação, aos templos de Mitra... porque será?

Também nesta data, tinha lugar a festa do **Sol Invictos**. Nesse dia, diz Macróbio: “ *tirava-se de um Santuário uma estátua da divindade solar, figurada como uma criança recém-nascida*”.

Esta posição da igreja cristã do Ocidente, de comemorar o nascimento de Cristo, em 25 de Dezembro, agravou as cisões internas que se vinham manifestando no seio do cristianismo emergente dos séc. IV e V da E.C..

As comunidades cristãs orientais, em particular as da Arménia e da Síria, ficaram estarecidas com a escolha de 25 de Dezembro, que qualificavam – “de jornada de festa pagã”, acusando a igreja do Ocidente de idolatria. Decidindo assim, permanecer fiéis ao dia 6 de

Janeiro. Posteriormente a Igreja do Ocidente, apresenta ao mundo uma outra data: o dia dos “reis magos”, data necessária para justificar um festejo religioso pagão, a 6 Janeiro...

No início do século VIII, Beda (2) relata que em 601, o papa Gregório I comunicava aos missionários ingleses, nomeadamente Melíoto e Agostinho de Cantuária, que se empenhassem em desviar do significado original das tradições pagãs mais enraizadas, logo mais resistentes, em vez de as combaterem abertamente, “ dizendo que a Bíblia, chama a Jesus “ o sol da justiça” (Malaquias 4,2). - Este relato de Beda, ilustra bem, a estratégia a par da força bruta, utilizadas pela Igreja para se apoderar e transformar o Natal pagão, numa festa sua, querendo assim tornar-se a única detentora do significado, do Sol “ Renascido”, que desde a aurora da humanidade é reconhecido simbolicamente como o Sol da Esperança...

Assim historicamente, pode-se afirmar, que o Espírito da Esperança e da Solidariedade, do Natal; em que o Sol Renascido era Louvado, e como criança personificado. É na origem Pagão, e Não Cristão

Thorg da Lusitânia (S.Sacerdote Politeísta)

Coofundador da P.F.I.-Internacional e da Congregação Politeísta.

1. Epifania do grego *epiphaneia*, - “aparição, manifestação “.
2. Monge inglês 673 – 735, também conhecido como venerável Beda. Autor de várias obras sobre ciência, história e teologia, na Idade Média.

S.Sacerdote Thorg da Lusitânia, Yule 2017